

TEATRO DA
AMÉRICA LATINA

TEATRO DA AMÉRICA LATINA

À DIREITA DE DEUS PAI
Enrique Buenaventura

ORINOCO
Emilio Carballido

UBU PRESIDENTE
Juan Larco

INFIÉIS
Marco Antonio de la Parra

Tradução
Hugo Villavicenzio

2004

TEATRO-ESCOLA

CÉLIA HELENA

Edição Talitha Mattar

Revisão Maria Lúcia Cumo
Fernando Santos
Ângela Maria Cruz

Capa Joaquim Gonçalves Oliveira

Composição FA Fábrica de Comunicação

Impressão Gráfica Vida e Consciência

ISBN 85-98323-01-2

O Teatro-escola Célia Helena vem, há alguns anos, junto com seu corpo de professores e alunos, pesquisando e estudando textos recentes da América Latina. Nosso objetivo, além de ampliar o currículo de textos a serem trabalhados na escola, consiste principalmente na divulgação dessa dramaturgia, tão próxima culturalmente, irmã de povos e similar nos problemas e questões.

Neste percurso de mais de duas décadas, a escola vem debatendo e refletindo sobre a questão da interpretação e o que a envolve, criando núcleos, palestras, leituras, estudos e pesquisas nas áreas teórica e prática. É a primeira vez, porém, que conseguimos concretizar o objetivo tão desejado em todos esses anos.

Esta publicação significa não só uma meta finalmente atingida, mas a abertura para difundirmos e promovermos com mais amplitude trabalhos que venham a contribuir com o exercício teatral.

Lígia Cortez

Diretora Artística
do Teatro-escola Célia Helena

Informações e vendas



Teatro-escola Célia Helena

Av. São Gabriel, 462 – Itaim – São Paulo – SP

Tel.: 11 3884-8294/ 11 3884-2382

Sumário

PREFÁCIO Alexandre Mate	9
PREFÁCIO DO TRADUTOR Hugo Villavicenzio	17
À DIREITA DE DEUS PAI Enrique Buenaventura	21
ORINOCO Emilio Carballido	69
UBU PRESIDENTE Juan Larco	113
INFIÉIS Marco Antonio de la Parra	223

amplo sentido da palavra, no caudaloso rio. É uma comédia carregada de humanismo e simbolismo.

Ubu Presidente, do peruano Juan Cancho Larco, é uma bufonaria continental inspirada na figura grotesca do Pai Ubu de Alfred Jarry. A ação truculenta e disparatada mostra o totalitarismo tropical das nossas lamentáveis ditaduras com uma pitada de humor negro.

Infiéis, do reconhecido autor chileno Marco Antonio de la Parra, é um drama sobre o inevitável da paixão, vista numa perspectiva épica. Traições amorosas e ideológicas fazem parte da história recente de dois casais que sobreviveram aos chamados anos de chumbo.

Acreditamos que a publicação destas peças contribua na promoção do pouco divulgado teatro hispano-americano, preenchendo parte do imenso vazio existente na memória do público e do leitor brasileiros. Uma excelente dramaturgia será sempre sinônimo de bom divertimento.

Hugo Villavicenzio

Prof. de História das Artes Cênicas
no Teatro-escola Célia Helena e de
Teatro-educação na FAAM-UNIFMU.

Enrique Buenaventura

À DIREITA DE DEUS PAI

Folguedo em dois atos

ENRIQUE BUENAVENTURA

Diretor e teatrólogo colombiano, nasceu em 1925 na cidade de Cáli. No dia 31 de dezembro de 2003, aos 78 anos, falece na sua cidade natal. Estudou Artes Plásticas e Filosofia na Universidade Nacional de Bogotá.

Iniciou sua carreira como ator fazendo espetáculos circenses em uma companhia de teatro itinerante. Querendo conhecer o mar das Antilhas, foi para a ilha de Trinidad onde alternou o ofício de marinheiro com o de jornalista.

Viajou pelo Brasil, estabelecendo-se em Recife, onde trabalhou como professor de literatura, ator e diretor do Teatro do Estudante, de Hermilo Borba Filho. Exerceu os ofícios de cozinheiro, pintor de paredes, desenhista de letras, ator e diretor de cena no Rio de Janeiro, Buenos Aires e Santiago do Chile.

Em 1955, fundou e passou a dirigir a Escola de Teatro da cidade de Cáli. Em 1960, ganhou diversos prêmios em Bogotá que lhe renderam o convite do Teatro das Nações de Paris para representar a Colômbia, com o espetáculo *À direita de Deus Pai*. Obteve, também em Paris, o Prêmio Internacional de Teatro outorgado pelo Instituto Internacional de Teatro da Unesco por sua peça *A tragédia do rei Cristophe* (1961). Fundou, em 1963, o Teatro Experimental de Cali. Foi sistematizador do Método de Criação Coletiva para o teatro.

De sua vasta obra, destacam-se: *Réquiem pelo padre de las Casas* (1963), *Soldados e Os papéis do inferno* (1968), *O conversível vermelho* (1970), *A denúncia* (1971), *O menu* (1974), *História de uma bala de prata* (1976), *A grande farsa dos equívocos* (1984), *Projeto piloto* (1989), *O dragão dos mares* (1993) e *Paulina* (1995).

À direita de Deus Pai leva, no original, o subtítulo de "Moji-ganga", espécie de festa ou folguedo popular.

Personagens

Porta-Bandeira
Peralta
Jesus
Diabo
São Pedro
Morte
Peraltona
Leproso
Tolhido
Esmoleiro Velho
Cego
Maruchenga
Médico 1
Médico 2
Mulher do Médico
Coveiro
Beata Velha
Sobrinha
Mulher do Velho Rico
Marido da Mulher Feia e Velha
Moça
Esmoleiro 1
Esmoleiro 2
Esmoleiro 3
Mendiga

Cenário

Uma casa de camponeses.
Sobre ela, o céu representado por uma nuvem
grande com uma porta; embaixo, do lado oposto, a boca do inferno.

Prólogo

O Porta-Bandeira ou palhaço do folguedo entra, dançando ao som da música típica dessas apresentações populares, e finca sua bandeira no proscênio.

PORTA-BANDEIRA – Licença peço, senhores, para aqui apresentar este folguedo antigo das gentes da minha terra. Que entrem os atores para poder lhes mostrar “À direita de Deus Pai”, que é um folguedo exemplar.

Entram os outros personagens dançando ao som de uma música que eles mesmos executam e formam um semicírculo. Cada um, ao mesmo tempo que vai falando, avança para o proscênio.

PERALTA – Atenção nobres senhores e damas de decoro, pois, desta vez, vou lhes contar uma história que não é de choro. Eu me chamo (*o ator fala o seu nome*) e, neste folguedo, faço o papel de Peralta.

JESUS – Sendo a primeira vez que nesta casa eu canto, glória ao Pai, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo. Eu me chamo (*o ator fala o seu nome*) e, neste folguedo, faço o papel de Jesus de Nazaré.

DIABO – Se é mentira, pão e farinha. Se é verdade, farinha e pão... Ouvidos do mundo ouvi a história que contarão. Eu me chamo (*o ator fala seu nome*) e, neste folguedo, faço o papel de Diabo.

SÃO PEDRO – O saber é entender e o entender é saber, é o que diz o velho ancião. Ouçam bem para aprender e, quando houver ocasião, contem como eu contei. Eu me chamo (*o ator fala o seu nome*) e, neste folguedo, faço o papel de São Pedro.

MORTE – Todo mundo fica sereno quando me ponho a cantar, porque onde canto eu, silêncio... e mandar calar. Eu me chamo (*o ator fala o seu nome*) e, neste folguedo, faço o papel de Morte.

Os personagens que usam máscaras devem tirá-las para se apresentar.

PORTA-BANDEIRA – Os senhores já viram os mais importantes. Subam Jesusinho e São Pedro para o seu pombal lá no céu e enfiem o coisa-ruim nas profundezas, nos subterrâneos dos seus domínios. Coloquem os esmoleiros nos corredores e nos quartos e preparem-se todos para representar as suas máscaras e seus personagens, porque isto vai começar agorinha.

Sai o Porta-Bandeira e começa o folguedo.